

O portão escuro se abriu diante de mim, revelando uma muralha de desafios. Eu estava prestes a começar uma jornada que me faria testemunhar o que a ganância humana pode causar. Como médico, eu tinha um dever com a sociedade; como filho adotivo, eu tinha uma dívida com meu pai, e com todos aqueles que deram suas vidas por seus filhos, plantando neles as sementes do cuidado, do amor, do respeito, da lealdade. Agora, eles precisavam de uma colheita... Eu respirei fundo e entrei. Eu não fazia ideia do que o destino me reservava. Na recepção, o Diretor do Lar me esperava com um sorriso, e de braços abertos.

- Bom dia, senhor Mário!

- Bom dia - respondi um pouco encabulado e confesso: também apreensivo.

- Quando me ligaste, não senti tanta firmeza, pensei até que não virias.

- Estou decidido, Diretor! Quero ajudar.

- Tens certeza? Verás muita tristeza por aqui.

- Eu sei.

- Conhecerás pessoas abandonadas, depressivas, algumas à beira da loucura.

- Formei-me em medicina, Diretor. Estou acostumado a lidar com o sofrimento. Estou aqui para tentar aliviar um pouco dor dessas pessoas.

- Bom..., se é assim, acredito que, agora, o que resta é apresentar-lhe a instituição. Verás que tudo que te falei ao telefone é verdade e que trabalhar em um lar para idosos, mesmo como voluntário, é muito difícil, exige, além de tudo, amor ao próximo.

- Não se preocupe, Diretor. Eu quis esse trabalho como voluntário, porque quero ajudar estas pessoas da melhor forma possível.

De repente, a porta da sala se abriu com um estrondo, e um velhinho, em pânico, esbaforido, adentrou. Era o Sr. Aquino, um homem franzino, de barba rala, de corpo encurvado, mãos trêmulas, olhos marejados e rugas que revelavam sua idade e seu sofrimento. Ele falava sem parar, frases sem nexo, como se estivesse delirando. Gritava que era um bebê e que tinha sido enganado por políticos que queriam seu voto. Disse que eles o levaram a um cartório e mudaram sua certidão para que ele se passasse por adulto, só para ele poder votar. Depois que ele votou, eles o abandonaram em um lar de idoso, sem se importar com seu sofrimento, pois ali não era lugar para um bebê.

Nesse momento, fomos interrompidos pelo Sr. Aquino, um pobre velhinho, magrinho, de barba rala, de corpo curvado, mãos trêmulas, olhos chorosos e marcas de expressão que lhe denunciavam a velhice e a vida sofrida. Entrou na sala do diretor completamente alvoroçado, falando coisa com coisa. Gritava que era um bebê e que fora enganado por políticos que

queriam seu voto e, por isso, levaram-no a um cartório e refizeram sua certidão como adulto, para que ele pudesse votar. Como já havia votado, segundo suas palavras, não precisando mais dele, abandonaram-no.

- Acalme-se, Sr. Aquino - disse o Diretor na intenção de contornar a situação, mas não adiantou.

- Foi ele! Ele é uma das pessoas que me jogou aqui. Querem me prender para que eu não diga o que fizeram comigo. Só me usaram! Só pensam em dinheiro! Só pensam nos bens que meu pai me deixou.

- Acalme-se, senhor! Não sou político nunca fui. Estou aqui para ajudar vocês. Sou médico, e só quero o seu bem.

- Mentira! Quando não mais precisam, jogam-nos fora. Você é igual aos outros, é avarento. Se fosse diferente, tirava-me daqui, levava-me para minha casa. Porque você não faz isso?

- Não estou compreendendo, senhor. Por favor, acalme-se.

- Por que você veio, se não vai me tirar daqui?

- Senhor, estou aqui para ajudar.

- Então, prove! Tire-me daqui agora. Colocaste-me aqui por avareza, por ganância.

- Não posso tirá-lo, senhor. Não fui eu quem o colocou aqui.

- Como não? Isso aqui é um lar para idosos. Eu sou um bebê. Vocês mudaram minha idade no cartório, só para eu votar. Depois que eu voltei, colocaram-me aqui.

- Senhor, sei que não é fácil, mas o senhor precisa se acalmar. O senhor não é uma criança. Certamente, tem uma grande história de vida, e eu faço questão de conhecer.

- Vê! Esse fogo nos teus olhos, tão comum no olhar dos jovens, só te deixa cego, incapaz de ver a luz nos olhos de um idoso. Eu ainda tenho luz, porque reflito o fogo dos teus olhos, preciso desse fogo para me manter. Os jovens, para os mais velhos, são como o Sol que dá vida aos planetas. Mas não fui sempre planeta, outrora, também fui sol, em minha órbita havia quatro planetas.

- Senhor, não compreendo.

- Não compreendes, ou não queres compreender?

Nesse momento, ele foi interrompido. Alguns enfermeiros entraram na sala e levaram o pobre homem. Fiquei comovido com sua história, apesar de dizer coisa com coisa. Percebi seu desespero em voltar para sua casa. Ele, em muito, lembrara-me meu pai. Infelizmente, meu pobre velho, que trabalhou muito na vida para sustentar a mim e aos meus três irmãos, para dar-nos estudo e condições para crescer, não está mais entre nós.

Meu pai morrera havia três anos, e era por ele que eu estava ali, pelo meu herói, para homenageá-lo de alguma forma, pois nem mesmo ao seu enterro pude ir. Soube de sua morte quase um ano depois por meus irmãos. Infelizmente, gananciosos que são e, talvez, com medo de que eu reivindicasse um pedaço das terras e, certamente, por considerar que eu não tinha direito por ser adotivo, esconderam de mim, por um ano, que meu pai havia morrido.

Quando as coisas acalmaram-se, o Diretor convidou-me para conhecer o Lar:

- Ainda disposto, Sr. Mário.

- Sim, claro.

- Então, vamos conhecer a casa. Por favor, siga-me.

Sáímos da sala do diretor e entramos em um corredor à esquerda que dava acesso à ala das mulheres. Muitas senhoras abandonadas, algumas sorridentes, algumas debilitadas, algumas caladas, outras nem tanto, algumas até me paqueravam, carência era o que mais se percebia, mesmo as que sorriam, apresentavam olhar de tristeza. Aproximou-se de nós a senhora Marta - a qual o Diretor tratou de me apresentar:

- Sr. Mário, esta é a senhora Marta, nossa psicóloga.

- Bom dia, senhora, prazer em conhecê-la.

- O prazer é meu, meu lindo. Vieste trabalhar conosco?

- Sim, como voluntário.

- Que olhos lindos! Iguais aos do meu filho que hoje está no céu.

Depois de apresentar-nos, o Diretor precisou sair, solicitando-a que me acompanhasse para apresentar o Lar. Conversamos à tarde toda, falamos sobre o Lar e sobre as pessoas que ali moravam. Ela me contou que o trabalho com os velhinhos ia muito além do amor ao próximo e que era preciso, também, vontade de fazer aquelas pessoas felizes. Isso só conseguiríamos se parássemos para ouvi-las e compreendê-las, pois havia muitas angústias em suas histórias.

- Mário, você tem um grande desafio pela frente. Conte-me o que te trouxe aqui.

- Quando era criança, por volta de dois anos de idade, fiquei órfão. Ganhei uma família de criação, mas minha nova mãe também faleceu. Apesar de não lembrar muito bem do seu rosto, lembro-me de que meu pai adotivo me deu muito amor. Mas ele não teve como cuidar sozinho de todos os filhos. Fui entregue à sua irmã, minha tia, quem me levou para morar nos Estados Unidos. Ela me colocou para estudar. Com o dinheiro que meu pai mandava - meu pai adotivo - Ela custeou meus estudos. Naquele tempo, não havia internet, conversávamos uma vez por mês, por

telefone. Chorávamos sempre, a saudade machucava. Depois que aprendi a escrever, passei a escrever cartinhas para o meu pai, e ele respondia todas.

- Isso deve ter sido um grande trauma para vocês, Mário.

- Sim! Por isso, estou aqui. Há, no Lar, muitos pais que dedicaram suas vidas aos seus filhos. Quero ajudá-los. Acredito que isso, de alguma forma, irá confortar meu pai, esteja ele onde estiver.

- Certo, Mário, Entendi. Aqui você adotará e será adotado.

Foi uma tarde agradável. Acabei sendo adotado por ela. Eu que ia lá para ajudar os velhinhos, acabei encontrando uma mãe. Dona Marta era incrível, ela tinha uma doçura capaz de acalmar qualquer ser humano. Durante os primeiros dias, era ela quem me ensinava como algumas coisas funcionavam na instituição. Conversávamos muito, na maioria das vezes, no Jardim do Lar, onde o delicioso cheiro das flores confundia-se com um delicioso cheiro de alfazema exalado por dona Marta. Naqueles dias, ela me ensinou tudo sobre os idosos. Aprendi muito sobre suas histórias, que elas iam muito além da loucura, ou da caduquice. Aprendi que havia segredos os quais precisavam ser desvendados e que eu só os descobriria dando atenção aos moradores do Lar. Todos os dias, naquele Jardim, ela ouvia aqueles senhores. Lá no meio das roseiras, sua alfazema parecia exalar com mais força, e apenas ela conseguia acalmar o Sr. Aquino.

- Mário, você veio aqui com uma missão. A minha foi te colocar no caminho certo para cumpri-la. Vi que você aprendeu tudo e conhece todos os caminhos para ajudar quem precisa ser ajudado. Tenho certeza que você vai fazer o que for preciso. Estou me sentindo muito feliz com você, com o sentimento de missão cumprida. Todos os senhores que aqui estão, sofrem com saudades de seus lares. Contudo, o que mais sofre é o Aquino, ele luta com todas as suas forças por essa saudade. Escute-o, você pode ajudá-lo muito, mas precisa ouvi-lo para entender sua dor.

- Prometo que farei isso!

Eu não sabia o porquê, mas sentia que ela era especial e percebi que não era apenas uma sensação quando cheguei ao lar, no dia 5 de novembro de 2015, e ela não estava. A casa estava em silêncio. Todos estavam calados. Perguntei ao Diretor o que estava acontecendo, e ele respondeu:

- A senhora Marta foi para o céu.

- Onde ela mora, Diretor? Onde será o velório?

Perdi o chão naquele momento. Eu ficara órfão mais uma vez. E o Diretor me perguntou:

- Como assim, onde ela mora? Ela morava aqui.

- Ela morava no trabalho?

- Não, Mário. Ela não trabalhava aqui. Ela era uma moradora do Lar.